

6 NOV 1987
ANCJÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCIS
(1927 - 1969)

Uma "vitória" que não deve iludir o Centro Democrático

A estratégia adotada pela maioria moderada na Constituinte, ameaçando arguir no Supremo Tribunal Federal a constitucionalidade do regimento interno da Assembleia Nacional Constituinte, acabou rendendo dividendos. Percebendo a força e a disposição dos integrantes do Centro Democrático, o deputado Ulysses Guimarães mais uma vez agiu de maneira pragmática e oportunista, como as velhas raposas do PSD, preferindo entregar alguns anéis para não ter de entregar os dedos. Isto significa que a minoria estatizante terá de suspender — ao menos por enquanto — os seus planos de reduzir totalmente a Constituinte à Comissão de Sistematização, usurpando do plenário a responsabilidade de decidir em conjunto a forma e o conteúdo da futura Carta Magna.

Encerrada assim a batalha em torno do regimento interno, o seu desenrolar ilustra bem o que sempre ocorreu entre nós desde o advento da República: a permanente tentativa dos grupos minoritários de perverter a vontade política da Nação, valendo-se dos mais variados artifícios com a finalidade precipua de desfigurar os mecanismos tradicionais de representação partidária. No caso específico da atual Constituinte, como afirmamos em nosso editorial de ontem, desde o início de seus trabalhos ela vem sendo manipulada por aqueles que, tendo sido amplamente derrotados em eleições livres e soberanas, foram mais rápidos e mais espertos na disputa pela redação do regimento interno.

Agindo com presteza e determinação já no primeiro dia de trabalho da Constituinte, motivados por suas ambições pessoais e por suas fantasias ideológicas, tanto o senador Mário Covas quanto o deputado Ulysses Guimarães engendraram uma estratégia bastante sutil, destinada a falsificar a vontade política manifestada pelas urnas em novembro do ano passado. Conscientes de que o plenário dificilmente aprovaria suas propostas constitucionais, uma vez que a maioria de seus integrantes reflete as posições moderadas das parcelas majoritárias da sociedade brasileira, ambos concentraram toda sua atenção na formação da Comissão de Sistematização. Esse era, como hoje podemos ver com muita clareza, o "pulo do gato" desses dois políticos cujo único sonho é despejar o presidente José Sarney do Palácio do Planalto, para sentar-se em sua cadeira.

Parlamentares hábeis e experientes, tanto Covas quanto Ulysses sabiam, desde a instalação da Assembleia Nacional Constituinte, que a Comissão de Sistematização poderia ser transformada no principal fórum das discussões e votações. Por quê? Por causa de sua capacidade de "pautar" os debates do plenário, ou seja, de estabelecer e determinar o que iria ser aprovado ou rejeitado por todos os constituintes. Para usurpar em termos práticos a autonomia do plenário e para controlar a Comissão de Sistematização, tornando-a um instrumento dócil para a execução de seus projetos pessoais de poder, o senador Mário Covas e o deputado Ulysses Guimarães souberam explorar a fundo a inconsistência doutrinária e programática do atual espectro partidário, valendo-se do caráter "frentista" da agremiação majoritária — o PMDB — para escolher a dedo, dentro dele, os políticos de sua mais íntima confiança.

Embora estivessem cientes de que seus escolhidos não refletiam de forma alguma o colorido ideológico predominante no plenário — e nem mesmo no partido —, ambos invocaram o nome mágico do PMDB para mascarar a composição tendenciosa de uma comissão destinada a falsear a vontade política da Nação expressa nas eleições legislativas de 1986. E como esse partido não passa de um imenso saco-de-gatos, reunindo desde maluquinhos a radicais de esquerda, passando por carreiristas, fisiológicos, clientelistas e até mesmo alguns liberais convictos, não lhes foi difícil ludibriar a opinião pública e as próprias lideranças democráticas no âmbito do Legislativo.

ANC 88
Nota
Paste 06 a 10
Novembro/87
038

Felizmente, os parlamentares que hoje integram o Centro Democrático mobilizaram-se a tempo, antes que a situação se tornasse irremediavelmente perdida. Ou seja: antes que a minoria estatizante desse os passos finais em sua astuciosa tentativa de impor ao País uma ordem constitucional repudiada in toto pelas parcelas majoritárias do PMDB, da Assembléia Constituinte como um todo e, portanto, também da sociedade brasileira. Os moderados venceram somente quando, organizados e dispostos a provocar uma manifestação da instância máxima do Judiciário, mediante recurso judicial ao Supremo Tribunal Federal, ameaçaram colocar tanto o multipresidente Ulysses Guimarães quanto o senador Mário Covas numa posição delicada. Habil e realista, o presidente da Constituinte, da Câmara dos Deputados e do PMDB soube reconhecer que, apesar de tardia, a reação do Centro Democrático refletia uma realidade e que, se partisse para o confronto, corria o sério risco de ver desmontado na última hora, pelo voto da maioria, todo o seu estratagema.

A partir de agora, portanto, a novela da Constituinte está vivendo um novo capítulo. Mas a ameaça ainda não foi completamente eliminada. E é por isso, justamente, que os parlamentares da maioria moderada não podem deixar-se inebriar pela vitória conseguida. Eles demoraram para despertar politicamente, tendo perdido um tempo incrível ao negociar com o Palácio do Planalto a duração do mandato de seu atual inquilino, permitindo com isso que o senador Mário Covas e o chefe do bando do licor de péra — a tão decantada turma do poire — controlassem algumas das etapas decisivas do processo de reordenação de nossas instituições de direito — especialmente aquelas relativas à redação do anteprojeto constitucional por uma Comissão de Sistematização que não reproduz o colorido ideológico predominante no plenário, o que, inescapavelmente, condicionará, de alguma forma, a sua ação. Foi por causa de seus equívocos e de suas omissões que a maioria moderada vinha, até ontem, dançando a música da minoria estatizante, e ainda não está totalmente livre do ritmo por ela imposto.

E é por isso que essa maioria não deve agora se dispersar, concentrando sua força não mais na disputa de batalhas menores, como a do regimento interno, mas para as votações decisivas que irão ocorrer no plenário. Tendo demorado demais para se articular deixando-se levar a reboque dos integrantes da Comissão de Sistematização e deixando-se "patrulhar" por entidades falsamente representativas dos interesses da sociedade civil, é chegada a hora de o Centro Democrático assumir de uma vez por todas a missão que lhe foi atribuída pelos eleitores, tomando a iniciativa nos trabalhos constitucionais e negando-se a ser "pautado" por uma minoria esperta, hábil na falsificação da vontade política da Nação. Se mantiver sua coesão, o Centro Democrático estará preparado para enfrentar as novas armadilhas que certamente serão armadas pelos liderados do senador Mário Covas e do deputado Ulysses Guimarães. Caso se deixe inebriar pela "vitória" num episódio menor, perdendo-se em meio a discussões sobre filigranas jurídicas, o Centrão continuará como antes — debatendo e votando tudo aquilo que lhe é imposto de maneira ilegítima pelos aprendizes de feiticeiro da Comissão de Sistematização.